

ENTREVISTA A VINCENT JOUVE

Maria de Jesus Cabral

Centro de Literatura Portuguesa

Vincent Jouve (n. 1963) é professor de literatura francesa na universidade de Reims. Investigador em teoria da literatura, é autor de diversos trabalhos na área da teoria da literatura, da poética e da narratologia. Dirige, no âmbito do CRIMEL (Centre de Recherche Interdisciplinaire sur les Modèles Esthétiques et Littéraires) da Universidade de Reims, o Centre de Recherche sur la Lecture Littéraire (<http://helios.univ-reims.fr/Labos/CRLELI/>). É um dos fundadores da rede internacional de investigação LÉA! – Lire en Europe aujourd’hui (<http://www.ru.nl/lea/>).

Entre as suas obras mais conhecidas, destaca-se *La Littérature selon Barthes*, 1986; *L’Effet-personnage dans le roman*, 1992; *La lecture*, 1993 (com tradução recente no Brasil); *Poétique des valeurs*, 2001; e *Pourquoi étudier la littérature?*, 2010.

Maria de Jesus Cabral – *A questão da leitura literária, que está no cerne dos seus trabalhos, é, no contexto da temática deste número da Revista de Estudos Literários, crucial. Começaria pois por lhe perguntar: que aspetos considera hoje em dia prioritários no âmbito da investigação sobre o ensino da leitura literária na universidade?*

Vincent Jouve – Antes de responder, é preciso ter presente que as perguntas “porquê ler literatura” e “porquê ensinar literatura” são

bastante diferentes. A primeira pode contentar-se com uma reposta em termos de prazer estético, de livre curso do imaginário, de reapropriação subjetiva do texto. Não é o caso da segunda: os docentes estão investidos de uma missão social e devem dar prova da sua utilidade. Se o Estado remunera os professores de literatura, é preciso saber porquê. É lamentável que em várias obras teóricas (não raro de elevado nível) estas duas questões não apareçam devidamente diferenciadas. A ideia de que os cursos de letras têm como objetivo o gosto pelos textos não é, logicamente, satisfatória. Para regressar à sua pergunta, parece-me que cada palavra é importante. A palavra “literária”, primeiro: como defini-la? Por que razão estudar certos textos e não outros? A palavra “leitura”, em segundo lugar: os textos selecionados devem ser apreendidos de um modo particular em relação aos outros escritos, às outras ficções, aos outros objetos de arte? A palavra “ensino”, por fim: que se pode extrair de um ensino dedicado à literatura? Será que conduz a um saber ou a competências que não se encontrariam noutra campo? Se queremos reorientar os estudos literários, temos, parece-me, de começar por responder a estas questões.

De sólida tradição humanista, os estudos literários não podem ignorar, hoje, o impacto de disciplinas mais permeáveis às mutações do mundo globalizado, disciplinas não raro originadas do cruzamento com outras práticas culturais. Como encara as relações entre os estudos literários e os estudos culturais? A dimensão filológica da coisa literária, defendida, designadamente, pelos métodos do close reading continuará pertinente e aplicável?

É um absurdo, claramente, separar a literatura do campo da cultura. Mas o problema dos estudos culturais (pelo menos na sua versão radical) é o nivelamento dos objetos culturais. Ora o texto literário não é um objeto entre tantos outros: ele inscreve-se numa prática – a literatura – que é *a arte da linguagem*. Esta especificidade confere-lhe

características essenciais, que proibem compará-la com um jogo de futebol ou com um desfile de moda. Parece-me que os estudos culturais minorizam, quando não postergam por completo, duas questões fundamentais: a da arte (a palavra “literatura” não é uma designação vazia: remete para o uso estético da língua) e de valor (não tenho a certeza de que a figura do vampiro seja mais interessante num manga japonês do que no *Drácula*, de Stoker). Perder de vista o *close reading* é precisamente perder este trabalho propriamente artístico, que se faz por vezes à escala da frase e que *distingue* um texto literário de outros objetos culturais. E digo isto precisamente em nome da tradição humanista que mencionou: os estudos culturais parecem-me ter esquecido o primeiro significado da palavra “cultura” (conjunto dos conhecimentos adquiridos que permitem desenvolver o sentido crítico e o julgamento) em benefício de um segundo sentido (um aspeto, entre outros, de uma civilização num dado estádio da sua história). Na minha opinião, os textos literários inscrevem-se na cultura, no primeiro sentido da palavra. A linguagem, não o esqueçamos, é o *medium* privilegiado da nossa relação com o mundo. Mas se tivermos em linha de conta que, na obra literária, a cultura (na segunda aceção da palavra) passa pela forma e pela escrita, passa pelo imaginário e pelo trabalho estético, não tenho evidentemente nada contra as abordagens culturais do texto literário.

Tendo em conta, agora, a tendência atual de convergência dos estudos literários com outros domínios disciplinares, acha que o ensino da literatura se deve alargar às áreas das ciências humanas, das ciências sociais, até às ciências ditas “duras”?

Se a questão é “o que podem trazer as outras ciências à literatura?”, a resposta pode parecer simples: dado que os textos literários são produções humanas, todas as ciências são suscetíveis de os esclarecer. Uma obra é escrita por um indivíduo, vivendo numa certa época, dotado de um inconsciente e sujeito à evolução. Assim sendo,

a sociologia, a História, a psicanálise, e porque não o darwinismo, podem explicar esta ou aquela dimensão do indivíduo.

O que me parece (muitas vezes) falhar nesse tipo de abordagem é a questão do transmissor: a obra literária não é um simples reflexo das diferentes dimensões do ser humano; o que exprime, exprime-o *obliquamente*, através de um trabalho artístico sobre a linguagem. Se não tivermos em conta esta especificidade, passamos ao lado do essencial.

Um outro perigo consiste em analisar a atividade literária ou artística como tal e não os textos que dela resultam: cada texto é tomado como o produto de uma competência humana geral, e é essa competência que é preciso clarificar. É o que fazem os teóricos que se interessam pela faculdade de ficção, pelos mecanismos cognitivos de construção do sentido, pelo homem enquanto “animal simbólico”, etc. Estas questões estão longe de ser irrelevantes; no entanto, como outrora observou Jakobson, elas dizem respeito às ciências correspondentes : à antropologia, à psicologia cognitiva, à evolução, etc.

Mas haverá uma relação entre o renascimento atual dos estudos literários, sob uma forma principalmente interdisciplinar, e a sua potencialidade em termos de ferramentas analíticas para outras disciplinas?

Para dizer a verdade, tenho a impressão de que são as outras disciplinas que trazem novos instrumentos analíticos aos estudos literários: examinemos o que se passa, se aplicarmos, como elas sugerem, os conceitos e os métodos da medicina, da biologia, das ciências morais, etc., ao estudo dos textos. Chegaremos forçosamente a resultados, mas qual o seu verdadeiro valor? No melhor dos casos, reduzir-se-á a um estudo temático, que menospreza o trabalho artístico (é o mesmo que estudar uma estátua de Miguel Ângelo de um ponto de vista geológico, considerando-a como um simples bloco de pedra); na pior das hipóteses, confunde-se a arte e a vida, esquecendo que não têm a mesma relação com a realidade. Não quero com isto dizer que seja ilegítimo ver na obra um documento, mas apenas na con-

dição de especificar que se trata de um documento indireto com um funcionamento que lhe é próprio. Não me incomoda que se abordem os textos como objetos do saber (para alguns textos, de estética obsoleta, é mesmo essa a relação que me parece hoje a mais adequada), mas com a condição de não fazer desaparecer a especificidade literária. Mas, para responder à sua pergunta (e mesmo se, a meu ver, não é essa a tendência atualmente dominante), os estudos literários podem trazer muito às outras disciplinas, obrigando-as a refletir sobre os lugares vazios dos seus pensamentos. As grelhas de análise semiológicas forjadas ao longo do tempo podem perfeitamente aplicar-se às outras ciências (que também são, ainda que por vezes o esqueçam, sistemas de signos, com tudo o que isso acarreta de artificial e de construído). Poderíamos assim perguntar-nos o que é que as outras ciências, reputadas duras e objetivas devem, apesar de tudo, à forma narrativa, às estruturas do imaginário, e qual a sua própria parte de ficção. Os estudos literários seriam então encarados numa perspetiva epistemológica. Os trabalhos de Ricœur sobre a narrativa parecem inscrever-se nesse movimento.

Como manter-se “disciplinar” sem resvalar na indisciplina?

É a meu ver o grande problema dos estudos culturais, que ostentam como sinais de fecundidade e de profundidade tudo aquilo que tomam de empréstimo à quase totalidade das ciências humanas, ou mesmo das ciências duras. O que é afinal bastante coerente com a sua ideia de não hierarquização dos objetos culturais e de que o importante é aquilo que exprimem. O risco, evidentemente, é encontrar em qualquer objecto toda a história da humanidade (o menor artefacto testemunha indiretamente uma civilização, que ela própria é o fruto de uma longa evolução...). Os estudos literários parecem-me resguardados desse risco. Têm de facto um objeto específico: o *trabalho sobre a língua*; e todas as análises literárias dignas desse nome devem, num dado momento, tomar em linha de conta essa dimensão.

É por essa razão que, para lá da diversidade de abordagens possíveis, o ensino das Letras conserva uma unidade e uma coerência que o impede de se perder em todas as direções.

As evoluções numéricas recentes, de que o e-livro constitui um avatar bastante significativo, afetaram as formas de produção, de difusão – e de promoção – do livro, abrindo novas relações à materialidade do mesmo e às noções de mobilidade e de velocidade, de enunciação ou de ritmo. Que efeitos se podem esperar em termos de paradigmas de leitura?

Para responder a esta questão, creio que é necessário distinguir leitura de trabalho e leitura de consentimento (a leitura estética, se quisermos). Pela primeira vez, a revolução *internet* mudou completamente o jogo: o acesso às obras é imediato; podemos ir diretamente ao capítulo ou ao excerto que nos interessa; permanecer num ponto particular, ver como é retomado noutros textos; passar por cima de ideias anexas, etc. A *internet* mudou as modalidades de leitura de trabalho: é mais rápida, mais explosiva, mais fragmentária; mas também é mais informada, mais aprofundada e muitas vezes mais criativa (não raramente encontramos uma informação decisiva que pode reorientar toda a investigação). As coisas parecem bastantes diferentes no que às leituras de ficção diz respeito. Se a relação estética se define como uma atividade que se autorregula em função do índice de prazer, as mutações tecnológicas terão sobre ela pouca incidência. Se um texto me agradar, vou querer continuar a lê-lo e fazê-lo na página ou no ecrã não vai mudar grande coisa. Inversamente, alguns textos, tidos como aborrecidos, podem dar vontade de saltar algumas páginas. Mas já era assim na idade do impresso.

Finalmente, e para regressar à pergunta de partida, que desafios fundamentais se colocam hoje aos docentes de estudos literários? E à leitura literária?

O problema é saber o que se quer e o que se pode fazer hoje com os textos literários. Devemos estudá-los como objetos de memória?

Como dispositivos retóricos? Como alavancas para um outro tipo de experiência? Só quando tivermos respostas a essas perguntas é que saberemos como estudá-los. Mas talvez não haja, na verdade, uma resposta global. É possível que certos textos se prestem melhor que outros a determinadas abordagens. Diz-se que os alunos já não leem. Digamos antes que não leem determinados textos. Mas não terá sido sempre assim? Não concluíamos, como o fazem por vezes os estudos culturais, que certos textos do património já não têm lugar no ensino: ainda que tenham perdido alguma sedução, não perderam por isso o seu interesse. É, no meu entender, uma razão suficiente para que continuemos a estudá-los.